

CAMILO CASTELO BRANCO

HISTÓRIA  
DE GABRIEL MALAGRIDA



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

⌘ JÁ PUBLICADOS ⌘

Amor de Perdição

O Regicida

O Demónio do Ouro

A Sereia

Memórias do Cárcere

Novelas do Minho

O Morgado de Fafe

Coração, Cabeça e Estômago

Eusébio Macário — A Corja



Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.imprensanacional.pt](http://www.imprensanacional.pt)  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Design da coleção: Undo  
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Impressão: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Papéis: Chromocard, 260 g, e Coral Book Ivory, 90 g  
Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

1.ª edição: agosto de 2021  
ISBN: 978-972-27-2944-4  
Depósito legal: 485 967/21  
Edição n.º 1024788

HISTORIA  
DE  
GABRIEL MALAGRIDA  
DA  
COMPANHIA DE JESUS

Apostolo do Brazil no seculo XVIII estrangulado e queimado  
no Largo do Rocio de Lisboa aos 21 de setembro de 1761

---

AUCTOR  
PADRE PAULO MURY  
DA MESMA COMPANHIA

---

TRASLADADO A PORTUGUEZ E PREFACIADO  
POR  
**CAMILLO CASTELLO BRANCO**

Quanta malignatus est inimicus in sancto!

(PS. LXXIII.)

LISBOA  
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.<sup>a</sup>  
68 — Praça de D. Pedro — 68  
1875

A HISTÓRIA DE GABRIEL MALAGRIDA, que trasladamos a vernáculo, foi publicada há dez anos em Paris. É um livro sem ambições de lauréis literários, descultivado de flores de estilo. Narra simplesmente, sem ataviar as descrições, dignas aliás de pena mais acurada, e estudos mais largos dos países que Malagrida alumiu com a luz da ciência abrilhantada por virtudes e alta piedade.

O padre Paulo Mury, da Companhia de Jesus, manuseou os impressos e inéditos que lembravam o martírio do apóstolo do Brasil. Urdiu com eles a sua história, tecida com exemplar sinceridade, seguindo o jesuíta desde o berço até à fogueira da Inquisição. Acusa moderadamente a iniquidade de Sebastião José de Carvalho: compadece-se da sua memória, como os jesuítas, em 1829, se compadeceram dos seus ossos ainda então insepultos na igreja dos franciscanos da vila de Pombal.

Não nos deteremos em particularidades da vida operosíssima de Malagrida. Nenhuma das mais e menos essenciais descurou o biógrafo. Pareceu-nos, porém, vir de molde neste prefácio a reimpressão de um raríssimo opúsculo da inocente vítima do marquês de Pombal. Duas vezes, em sua obra, alude o padre Mury ao folheto que Malagrida publicou na ocasião do terremoto de 1755. Este folheto motivou o desterro de Malagrida para Setúbal<sup>1</sup>, fez parte no processo da sua condenação, e enfureceu por tanta maneira o

rancor do ministro omnipotente, que todos os exemplares apreendidos e voluntariamente entregues foram queimados pelo algoz, na Praça do Comércio, em 8 de maio de 1771, por edital da Mesa Censória de 30 de abril, dez anos depois do suplício do seu autor!

Entre os signatários do edital, e membros da Mesa Censória, avultam nomes de qualificadores do Santo Offício que em 1756 tinham aprovado e encarecido a utilidade e publicação do opúsculo! Tais prodígios de infâmia exercitava o terror naquelas consciências abatidas e acalcanhadas pelo pé de Sebastião de Carvalho!

É digna de nota a *Censura* que o desembargador Amaro Duarte Silva estampou no livrinho, intitulado: — *Juízo da verdadeira causa do terremoto que padeceu a corte de Lisboa no primeiro de novembro de 1755, pelo padre Gabriel Malagrida da Companhia de Jesus, missionário apostólico, Lisboa, 1756.*

Copiamo-la integralmente: «Li com grande gosto este papel, que vejo ser invenção, e composição do P. Gabriel Malagrida da Companhia de JESUS, varão bem conhecido pelos seus apostolicos empregos, e do numero daquelles de que he fecundissimo o seu esclarecido instituto: Nada contém que dissone ainda dos mais pios dictames da Religião, antes, além da propriedade das Escripturas, e solidês de doutrinas, de que está ornado, reluz nelle tanto a chãma superior, que incende ao Author, que bem mostra ser forjado naquella frágoa, onde reside hum espirito, que entre outros affectos, e effeitos de sua larguissima contemplação, póde levantar os olhos no primeiro de Novembro passado, quando, em cada ruina, que despedia o zimborio do seu Collegio para o cruzeiro em que estava ajoelhado, via eminentes outras tantas mortes, e tantas mais fatalidades, pode, digo, levantar os olhos ao Ceo, e dizer para elle com igual desafogo, que resignação: *Paratum cor meum Deus*<sup>2</sup>, *paratum cor meum*; tal he a disposição com que acodem os bons servos, se entendem, que lhes pulsa o Senhor; mas só quem vive assim, sabe formar hum juizo tão proprio das obras de Deos, e por isso me persuado, que deixarão só de o reputar, como tal, aquelles, que

ou não gastão qualquer instante em meditalas, ou com o pretexto do acaso, querem autorizar a liberdade em que os precipita a sua obstinação. Este he o meu parecer...<sup>3</sup> Lisboa 22 de julho de 1756. *Amaro Duarte Silva.*»

O padre Manuel Monteiro, da Congregação do Oratório, por parte do *Paço*, censurava o opúsculo do seguinte teor: «O Papel que V. Magestade me manda ver, parece dignissimo de se estampar, e nem a materia que nelle se trata, nem a fôrma com que o P. Gabriel Malagrida seu Author discorre, e a authoriza, contém cousa alguma contra as regalias do Reyno, antes poderá conduzir muito para a pontual observancia da Ley Divina, e das de V. Magestade. Assim o julgo, salvo o melhor juizo. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa, e Congregação do Oratorio, no Real Hospicio de N. Senhora das Necessidades em 2 de agosto de 1756. *Manoel Monteiro.*»

É, pois, evidente que o opúsculo de Malagrida não foi obra clandestina e insidiosa como inculcam alguns historiadores que pecam menos por apaixonados que por superficialíssimos.

É tempo de fazermos conhecido o documento que expulsou da corte o austero jesuíta, acusado de fazer intervir a Providência divina nas calamidades que afligem o género humano. Sebastião de Carvalho, coração empedrado pelo ateísmo do seu, ainda assim, mal compreendido Voltaire, odiou naquele lance do terramoto e do incêndio, o clero que acudia à desgraça com os confortos da religião e bálsamos da piedade. Era-lhe mais agraciado espetáculo ver as duzentas forcas funcionando à toa, que ouvir os clamores dos sacerdotes exortando à comiserção os maus, e patientando o exaspero dos bons.

Eis aqui o opúsculo queimado pelo algoz:

«Se o maior serviço que póde fazer hum Cidadão fiel á sua Patria, he descobri-lhe os inimigos mais pérfidos, e perniciosos, que lhe maquinão ruinas, e tragedias as mais funésta, e deploraveis á sua Monarquia; a esta palma certa-

mente me obriga anhelar com todo o empenho a compaixão, e dor inexplicavel que me afflige, de ver (por causa destes abominaveis contrarios) em decadencia huma Corte tão rica, tão bella, tão florecente, debaixo do suave, e pacifico Imperio de hum Rey Pio, e Fidelissimo, que podia causar inveja ás mais opulentas Cortes de todo o Mundo; e huma não mal fundada esperança de podermos descobrir remedio, e achar meyo, com que torne ao resplendor<sup>4</sup>, e felicidade primeira, todas as vezes, que estes fatais oppostos da felicidade publica forem abatidos.

«Sabe pois, oh Lisboa, que os unicos destruidores de tantas casas, e Palacios, os assoladores de tantos Templos, e Conventos, homicidas de tantos seus habitadores, os incendios devoradores de tantos thesouros, os que as trazem ainda tão inquieta, e fóra da sua natural firmeza, não são Cometas, não são Estrellas, não são vapores, ou exhalações, não são Fenomenos, não são contingencias, ou causas naturaes; mas são unicamente os nossos intoleraveis peccados. Esta demaziada carga foi para nós aquelle *Onus Ægypti*, que aponta o Profeta Izaias no cap. 90, o qual assim como então fez de hum Reyno, o mais opulento do Mundo, hum assombro de miserias, assim no presente, fez de huma Corte, Rainha das da Europa, o horroroso cadaver, que contemplamos: *Iniquitates nostræ supergressæ sunt caput nostrum, et sicut onus grave gravatæ sunt super nos.*

«*Quis erit*, oh consternada Corte *ille ferreus, qui non moveatur*, á vista de tão horrenda dessolação? *Campus ubi Troya fuit*: oh *utinam*, que fossem ao menos campos! Que seria menos dificultoso escogitar algum modo de restauração! Porém eu não vejo mais que a montes inconsolaveis ruinas, á vista das<sup>5</sup> quaes, não podia deixar de lançar rios de lagrimas hum Jeremias, e fazer como proprias deste lastimoso estrago as lamentações, que já fez sobre a sua amada Jerusalem: *Quomodo sedet sola civitas plena populo: facta est quasi vidua*



*domina gentium*. Todos os seus moradores a desampararão, submergindo-se no seu pranto: *Plorans ploravit in nocte, et non est, qui consoletur eam ex omnibus charis ejus*; porque a dor, e o estrago immenso, não admite consolação: *Via Sion lugent, eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem*, e como hão de acodir passageiros ás festas, e solemnidades, se não há, nem ruas, nem casas, nem Templos, nem Altares, nem SACRAMENTOS? *Omnes portæ ejus destructæ, Sacerdotes ejus gementes, virgines ejus squalidæ*: quebradas as suas clausuras sahem dos seus Conventos as Esposas do Senhor, fazendo de huma Cidade tão pia, e tão Catholica huma Babilonia de inconsolavel confusão; *et ipsa oppressa amaritudine*. E donde procederão tantas ruínas? *Propter multitudinem iniquitatum ejus*. Não faltarão tambem á infeliz Jerusalem os arrancos de terremótos estrondosissimos, confederados com outros males, não menos formidaveis, porém tudo foi effeito, unicamête dos seus grandes peccados: *Peccatum peccavit Jerusalem, propterea instabilis facta est. Facti sunt hostes ejus in capite, inimici ejus locuplectati sunt*. Com tão grande colheita de almas peccadoras, que levarão para o Inferno; e tudo isto unicamente pelo excesso dos seus peccados: *Quia dominus locutus est super<sup>6</sup> eam propter multitudinem iniquitatum ejus*.

«Para mayor confirmação de verdade tão indubitável, seja-me licito trasladar hum rasgo de hum nobilissimo Orador sagrado da Companhia de JESUS, usado opportunamente em ocasião de huma gravissima calamidade, com que o braço Divino ameaçava, não sei, que Cidade de Italia sua patria. P. Anton. Bordon<sup>7</sup>: ‘Qualora oppresse da calamitá gemono le<sup>8</sup> Provincie e le citta<sup>9</sup> non occorre no darne al Cielo la colpa con attribuirne a maligne costellazione l’origine<sup>10</sup>. Chi fa reo<sup>11</sup> de comuni disastri un Marte, o un Giove, o un Saturno, o un qualche altro<sup>12</sup> pianeta malevolo, credetemi uditori<sup>13</sup>, inganna se stesso<sup>14</sup>, e inganna voi. La vera regola per accertar la cagione dei veri<sup>15</sup> mali, che inondano non dagli<sup>16</sup> astrologi si deve

prenderem ma dai libri sagri<sup>17</sup>. Leggeteli pertanto e vi scorgete<sup>18</sup> che la fonte amara da cui tutte scaturiscono le miserie dei popoli<sup>19</sup> ella è il peccato: *Miseros facit populos peccatum*. Prov.<sup>20</sup> Questo<sup>21</sup> è il principio che stabiliscono generalissimo; e poi scendendo<sup>22</sup> a lezione particolari, vi<sup>23</sup> fan sapere, che se vedete<sup>24</sup> abatimento di<sup>25</sup> Monarchie, desolazioni di<sup>26</sup> regni sconvolgimento di<sup>27</sup> Governi tutto lo sconcerto<sup>28</sup> vien dal peccato: *Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias, et inimicitias, et contumelias, et diversos dolos*. Eccl. 2.<sup>29</sup> Vi fan sapere che se vedette involarse da<sup>30</sup> obstinate arsurre i fieni al prato, le messi<sup>31</sup> al campo le Vindemie ala Vinha<sup>32</sup>, ciò, ã vi rende di bronzo il Cielo, sicche non isciolgasi<sup>33</sup> in una stilla di pioggia si hê il peccato: *Propter peccata vestra dabo vobis Cælum, desuper sicut ferrum*<sup>34</sup>, *et terram æneam*<sup>35</sup>. Vi fan sapere ã se dai<sup>36</sup> tremuoti scompaginata la terra seppelisce in profonde<sup>37</sup> voragini citta e cittadini riceve dal peccato la scossa<sup>38</sup>. Isai. 24<sup>39</sup>. *Confractioe confringetur terra, contritione conteretur, terra, et gravavit eam*<sup>40</sup> *iniquitas sua, et corruet*. Vi fan sapere ã se contagi, mortalità, pestilence...

«Nem digão os que politicamente afirmão, que procedem de causas naturaes, que este Orador sagrado abrazado no zelo do amor Divino faz só huma invectiva contra o peccado, como origem de todas as calamidades, que padecem os homens, e que se não deve comprovar com esses espiritos ardentes, que só pertendem aterrar os mesmos homens, e augmentar a sua afflicção com ameaços da ira Divina desembainhada; porque he certo, se me não fosse censurado dizer o que sinto destes politicos, chamarlhe Atheos; porque esta verdade conhecerão ainda os mesmos Gentios, *l. Fluminum 24. § hoc stipulatio, et §. servius. ff. de damn. insect. l. propter incendium 4. ff. de pollicitat. l. ex conducto 15. §. si vis tempestatis. l. si merces 25. §. vis maior. l. Martius 59 ff. locati*, nas quaes ensinão, que não tem outra causa os terremótos, mais, que a indignação Divina, e por esta razão lhe chamão *Vim Divinam*.

«Mas para que são necessarias repetiçoens mais diffusas de authoridades, e miserias? Todo o engraçado da mais flórida, e peregrina eloquencia não dá tanta força á verdade, como lhe dá a ingenua, e humilde confissão de Santo Tobias, o qual governado do Espirito Santo (que não póde errar) assim ensinava aos seus irmãos, e patricios opprimidos com tão duro captiveiro em Babilonia, a reconhecer a unica origem de tão funestos desastres: *Quoniam non obedivimus præceptis tuis; ideo traditi sumus in direptionem, et captivitatem, et mortem, et in fabulam, et in improperium omnibus nationibus; quoniam non obedivimus, quoniam non obedivimus.*

«Ora se o Espirito Santo, que por ser veracidade infinita, nem póde enganar, nem póde ser enganado<sup>41</sup>, *omnium Prophetarum literis, atque linguis*, confessa que tão grandes castigos, e flagellos são todos effeitos das nossas culpas, não sei como se possa atrever hum sujeito Catholico a attribuir unicamente a causas, e contingencias naturaes, a presente calamidade deste tão tragico terremoto? Não sabem estes Catholicos, que este Mundo não he huma casa sem dono? Não sabem que há providencia em Deos? Que ha Deus no Ceo, que está vigiando continuamente sobre as nossas operaçoens, e que: *Si in timore Domini non tenuerimus nos instanter, citò subvertetur domus nostra*; como nos declara o mesmo Senhor no *Ecclesiastico* cap. 27? Finalmente, há cousa mais clara, e manifesta nas Escripturas, que aquella terrível medida, com que a Magestade Divina méde os peccados das Cidades, e dos Reynos? *Super tribus sceleribus Damasci convertam eam, et super quatuor non convertam eam; super tribus sceleribus Gazæ convertam eam, et super quatuor non convertam eam: super tribus sceleribus Tyri convertam eam, et super quatuor non convertam eam*: Amos. E se ainda as Cidades mais barbaras, e pagans tinham huma certa, e determinada medida, concluida a qual, os Anjos destruidores descarregavão os golpes da ira de Deos sobre ellas; que será

## NOTA EDITORIAL

A *História de Gabriel Malagrida*, que aqui se apresenta em edição crítica, distingue-se dos restantes textos da coleção de obras de Camilo Castelo Branco pelo facto de ser uma tradução e não obra criada originalmente. Camilo prefaciou e traduziu do francês a pequena biografia do mártir jesuíta que Paul Murry, S. J., fizera publicar em 1865<sup>1</sup>.

Não terá sido o relevo do autor que motivou esta tradução. Na verdade, dele quase nada sabemos. A biografia de Gabriel Malagrida é a primeira obra que lhe conhecemos. Depois dela escreveu obras de História medieval<sup>2</sup>, da sua Companhia de Jesus<sup>3</sup> e de hagiografia<sup>4</sup>. As suas publicações indicam-nos que terá vivido no nordeste da França, na Alsácia, e que seria ainda jovem quando escreveu sobre Malagrida, visto que desta à sua última publicação distam 45 anos.

---

<sup>1</sup> Paul Murry, *Histoire de Gabriel Malagrida de la Compagnie de Jésus, l'apôtre du Brésil au XVIII<sup>e</sup> siècle étranglé et brûlé sur la place publique de Lisbonne le 21 de Septembre 1761*, Paris, Charles Douniol, 1765.

<sup>2</sup> Da qual só temos notícia da 2.<sup>a</sup> edição: Paul Murry, *Histoire du moyen âge*, Lille, impr. de Desclée, de Brouwer et C<sup>ie</sup>, 1885.

<sup>3</sup> Paul Murry, *Les Jésuites à Cayenne. Histoire d'une mission de vingt-deux ans dans les pénitenciers de la Guyane*, Strasbourg, F.-X. Le Roux, 1895; Paul Murry, «Les Jésuites en Alsace: collège de Haguenau, 1604-1692», *Revue Catholique d'Alsace*, Strasbourg, n.º 29, 1910, pp. 277-87, 343-50, 401-09, 491-99. O local de escrita da primeira destas obras encerra o prefácio: Metz, Colégio de S. Clemente. É de supor, portanto, que Paul Murry ensinasse neste colégio de Jesuítas, embora não possamos afirmá-lo.

<sup>4</sup> Paul Murry, *Saint Winoc, patron de la ville de Bergues: sa vie, ses reliques et son culte*, Lille, impr. de J. Lefort, 1887.

A tradução de Camilo é uma década posterior à publicação da biografia francesa, e é dada à estampa, com prefácio do tradutor, em Lisboa, pelo editor Matos Moreira. A simpatia de Camilo pela Companhia de Jesus atravessa toda a sua obra e o interesse pelo jesuíta Gabriel Malagrida manifestara-se já em 1868, numa referência na sua edição das *Memórias de Fr. João de S. José Queiroz*<sup>5</sup>. Virá ainda a constituir peça importante nos laudos condenatórios com que o escritor de Seide traça, em 1882, o *Perfil do Marquês de Pombal*<sup>6</sup>. Trata-se, portanto, de uma obra que não só vai ao encontro dos seus afetos como também do seu conhecido ódio por Sebastião José de Melo. O maior interesse da tradução advém, no entanto, do facto de ser a única tradução camiliana cujo autógrafo sobreviveu. Faz parte do conjunto de manuscritos que serviram de original de imprensa ao editor Matos Moreira e que se encontram, desde 1939, na Biblioteca Municipal de Sintra<sup>7</sup>, à qual foram doados por Rodrigo Simões Costa, estudioso de Camilo, que os adquirira em conjunto.

O manuscrito permite descobrir a marca de Camilo no trabalho de tradução: possibilidades que foram rejeitadas e tornam, assim, manifestas algumas tendências do discurso camiliano, como a perfeita vernaculidade em detrimento de galicismos, mesmo aqueles que haviam entrado na língua no século anterior. Temos disso um bom exemplo em *pamphleto*, substituído por *folheto* depois de um primeiro movimento no sentido da tradução literal de *pamphlet*, que se encontra no texto de Mury:

pamph > folheto (fl. 204)

---

<sup>5</sup> *Memórias de Fr. João de S. José Queiroz, bispo do Grão-Pará*, Porto, 1868, p. 90, n. 1. O padre Malagrida é, aliás, figura evocada pelo bispo do Grão-Pará: v. pp. 129-30, 189, 190, 199, 200, 213.

<sup>6</sup> Camilo Castelo Branco, *Perfil do Marquês de Pombal*, Porto — Rio de Janeiro, Clavel & C.<sup>a</sup> — L. Couto & C.<sup>a</sup>, 1882, pp. 61, 92, 95, 98, 175, 185, 210-33, 257.

<sup>7</sup> São eles *O Demónio do Ouro* (publicado em dois volumes, 1873-74), *O Regicida* (1874), *A Caveira da Mártir* (publicado em três volumes entre 1875 e 1876) e *Novelas do Minho* (publicadas em doze fascículos entre 1875 e 1877).

Muito embora a palavra substituta possa ter igualmente sofrido influência estrangeira (do francês *feuille* ou do italiano *foglietto*, segundo Houaiss), a sua datação no século xvii (1698) e sobretudo a evidente derivação de *folha* recomendam-na como vernácula.

Do mesmo teor é a tendência arcaizante do discurso camiliano, manifesta, por exemplo, na tradução da palavra *appuyée*:

Esta providencia, sem ser baseada > fundamentada em  
alguma declaração previa ... (fl. 206)

O verbo *basear*, com atestação na língua desde 1858 (Houaiss), era muito recente, enquanto *fundamentar* já estava em uso em 1002 (Machado).

Para além destas operações de seleção lexical com que Camilo dá ao texto do padre francês um cunho verdadeiramente português, pouca margem de invenção lhe resta, visto que, tratando-se de uma tradução, está obrigado a limitar a sua criatividade. Mesmo assim, dos dois movimentos que podemos encontrar neste trabalho, um de aproximação à letra do texto de partida e outro de afastamento, é o segundo que predomina. A subjetividade afetiva manifesta-se, por exemplo, na tradução das formas de designar o odiado marquês de Pombal, quer nas que resultam de tradução, quer nas que ocorrem no prefácio e são objeto de emenda. Todas elas rebaixam a forma de tratamento atribuída ao marquês, substituindo-lhe o título pelo nome com que nasceu, ainda que, no último exemplo, revele um arrependimento posterior, que leva à adição do primeiro dos títulos atribuídos (1759) por D. José ao seu ministro:

marquez de Pombal > Seb<sup>am</sup> J<sup>e</sup> de Carv<sup>o</sup> (prefácio, fl. i)  
mar > Sebastião de Carvalho (prefácio, fl. ii)  
irmão de Pombal > Sebastião Jose de Carvalho (fl. 165;  
no texto original *Pombal*)

## ÍNDICE

- 9 [PREFÁCIO DO TRADUTOR]
- 31 PROTESTAÇÃO DO AUTOR
- 33 [PREFÁCIO DO AUTOR]
- 35 **HISTÓRIA DE GABRIEL MALAGRIDA**
- 37 I — PRIMEIROS ANOS DE MALAGRIDA; SUA ENTRADA NA COMPANHIA DE JESUS (1689-1711)
- 43 II — NOVICIADO E PRIMEIROS EMPREGOS DE MALAGRIDA. SUA SAÍDA PARA O MARANHÃO (1711-1721)
- 47 III — A MISSÃO DO MARANHÃO (1607-1621)
- 51 IV — PRIMEIROS TRABALHOS DE MALAGRIDA NA AMÉRICA (1721-1724)
- 55 V — MALAGRIDA ENTRE OS SELVAGENS TOBAJARAS, CAICAISES E GUANARÉS (1724-1726)
- 63 VI — MALAGRIDA ENTRE OS BARBADOS (1726-1727)
- 71 VII — MALAGRIDA PROFESSOR DE LITERATURA NO COLÉGIO DE S. LUÍS (1727-1728)
- 75 VIII — NOVA EXCURSÃO AOS BARBADOS E AOS GAMELAS (1728-1730)
- 83 IX — MALAGRIDA PROFESSOR DE TEOLOGIA E DE LITERATURA SIMULTANEAMENTE (1730-1735)
- 87 X — MALAGRIDA EVANGELIZA A PROVÍNCIA DO MARANHÃO, E PASSA À BAÍA (1735-1736)
- 93 XI — TRABALHOS APOSTÓLICOS DE MALAGRIDA NA BAÍA E SEUS ARREDORES (1736-1741)
- 103 XII — VAI MALAGRIDA A PERNAMBUCO. — SUAS MISSÕES NESTA CIDADE (1741-1746)
- 115 XIII — MISSÕES DE MALAGRIDA NA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO (1742-1746)
- 121 XIV — TORNA MALAGRIDA A S. LUÍS — PARTE PARA LISBOA (1747-1749)
- 127 XV — MALAGRIDA EM LISBOA (1749-1751)

- 135 XVI — ÚLTIMA VISITA DE MALAGRIDA À AMÉRICA (1751-1754)
- 143 XVII — VOLTA MALAGRIDA A LISBOA (1754-1756)
- 151 XVIII — TERREMOTO DE LISBOA EM O 1.º DE NOVEMBRO DE 1755
- 157 XIX — DESTERRO DE MALAGRIDA PARA SETÚBAL (1756-1758)
- 163 XX — ATENTADO DE 3 DE SETEMBRO DE 1758 — PRISÃO DE MALAGRIDA EM 11 DE JANEIRO DE 1759
- 171 XXI — PROCESSO DE MALAGRIDA (1759-1761)
- 177 XXII — EXECUÇÃO DE MALAGRIDA EM 21 DE SETEMBRO DE 1761
- 181 XXIII — OS PERSEGUIDORES DE MALAGRIDA
- 
- 187 NOTA EDITORIAL
- 199 APARATO CRÍTICO E COMENTÁRIOS





Camilo militante, tradutor, detrator: apologista dos jesuítas, contra Sebastião José, armado da história do malogrado padre Gabriel Malagrida, que alumiu países com a luz da ciência e acabou no garrote e queimado como herege no Rossio. Contendo ainda o opúsculo do mesmo jesuíta sobre o terramoto de Lisboa que enfureceu o execrado marquês de Pombal.

Abel Barros Baptista

edição crítica  
CAMILLO  
CASTELO  
BRANCO

